

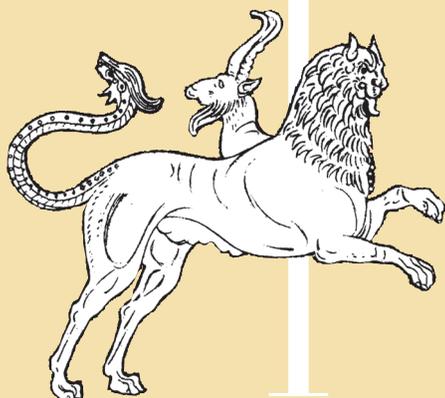
Chimaera

Textos

Ben Jonson

As Rainhas Auto Real Mascarado

Introdução, tradução e notas
Maria Salomé Machado



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

TEXTOS
CHIMAERA



TEXTOS CHIMAERA 3

DIRECÇÃO

João Almeida Flor
Isabel Fernandes
Teresa Malafaia

TÍTULO

AS RAINHAS
AUTO REAL MASCARADO

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

Maria Salomé Machado

DESIGN, PAGINAÇÃO E ARTE FINAL

Inês Mateus – inesmatus@oniduo.pt

EDIÇÃO

Centro de Estudos Anglísticos
da Universidade de Lisboa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Textype

TIRAGEM 500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 262 740/07

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

AS RAINHAS
Auto Real Mascarado

Ben Jonson

Introdução, Tradução e Notas

Maria Salomé Machado

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa
2006

Índice

Introdução	9
Breve Nota Prévia	15
As Rainhas	19
Bibliografia	45

Introdução

Os *Masques*, enquanto peças de teatro destinadas a um público específico – a família real e os grandes aristocratas que compunham a corte – alcançou o seu apogeu em Inglaterra durante o reinado de Jaime I (1603-1625). O seu êxito fica a dever-se não só ao favor do monarca, mas também à afortunada coincidência fortuita de coexistirem na época dois espíritos criativos que se completam, embora entrassem constantemente em violenta rota de colisão – Inigo Jones e Ben Jonson. O motivo da dissidência prende-se com o facto de ambos quererem impor, como mais importante, a área em que se singularizam. Inigo Jones argumenta que o *Masque* é primeiro que tudo *ludus* e, portanto, o maior relevo devia residir nos complexos e apelativos cenários que ele cria e que comportam «efeitos especiais» muito elaborados. Alega ainda que os trajes que toda a corte envergará, quando for o momento de contribuir como actores para o espectáculo declamando alguns, poucos, trechos e, sobretudo, tomando parte activa nas muitas danças com marcações de cunho balético que perpassam as peças, devem ser desenhados com um esmero nunca desmentido e revestir-se de todo o fausto possível. Ben Jonson, por seu lado, como Poeta que é, enaltece o texto que lhe fornece mais uma oportunidade única de, através dele directamente e sem intermediários incómodos, embora com calculada subtileza, conseguir denunciar os males do seu tempo a todos aqueles que detêm o poder de os corrigir. Talvez, por isso, ele acesse, de bom grado, ao pedido da rainha Ana para conceber um *antimasque* que servisse de polo de contraste ao *Masque* propriamente dito. O primeiro, ao que tudo indica representado por actores profissionais que encarnavam personagens estranhas, era fomentador de desordem, o segundo em que intervinham os monarcas, os príncipes e toda a corte como actores

repunha a ordem que fora conturbada. Ao fazê-lo, evocam e parecem reger-se pelos preceitos da moral e dos bons costumes que Jonson tanto prezava e de que, pelo menos nos seus escritos, era acérrimo defensor.

Dado o seu carácter aristocrático, estas peças, descendentes directas dos *intermezzos*, espectáculos miméticos, cortejos e bailes de máscaras, só se representam nos palácios reais ou nas mansões dos grandes senhores e em regime de patronato. Isto significa que soberanos e alta aristocracia se responsabilizam pela totalidade das despesas inerentes a uma manifestação dramática a todos os títulos onerosa. Este é, pois, um passatempo de elites a que o vulgo não tinha acesso.

Deste modo, constitui o terreno perfeito para que Jonson se entregue a um dos seus prazeres favoritos, aliás comum a todos os seus textos, mas, porventura, levado ao extremo nos *Masques*: exhibir os seus dotes de erudito, pondo em evidência os profundos conhecimentos de latim e grego que lhe permitem não só estudar as obras da Antiguidade Clássica e de outras épocas não tão recuadas, embora redigidas nessas duas línguas, mas também proceder a longas citações das mesmas como notas explicativas e esclarecedoras dos significados mais recônditos dos seus escritos.

Portanto, a tradução de qualquer obra de Jonson não se pauta por critérios de facilidade. Ainda que se opte por ter em conta apenas a parte do texto que está redigido em inglês, como se fez no caso vertente, e se ignore tudo o resto, os obstáculos perfilam-se no horizonte desde o início. No caso dos *Masques*, começa logo pelo próprio vocábulo *masque*. De facto, não existe na língua portuguesa termo que lhe corresponda e, no âmbito da literatura, não há modelo dramático que lhe seja sobreponível. A escolha da palavra «Auto» procede de uma tentativa de aproximação às peças mais ou menos coevas e com alguns, escassos, traços similares que se escreviam em Portugal. Contudo, não parece abusivo sugerir que, se algum poeta português contemporâneo de Jonson se tivesse dado ao trabalho de compor um texto com características análogas às do *Masque*, lhe teria chamado «Auto», provavelmente remetendo, nem que fosse por condicionalismo subliminal, para a obra dramática de referência redigida num passado não muito longínquo por Gil Vicente.

Por outro lado, Jonson utiliza nos seus *Masques* pelo menos dois registos diferentes de linguagem: o dos *antimasquers* que é rude, agressivo, tosco e tem tudo a ver com o que se usa no teatro de rua e o dos *masquers* que é

grandiloquente, elevado, sublime na melhor tradição do verso dramático isabelino. Em *The Masque of Queens*, o Poeta não foge à regra e no que se refere à voz dos *antimasquers* que, na peça aqui traduzida, se projectam nas bruxas, há um substrato encantatório que pressupõe uma rima e um ritmo bem marcados difíceis de reproduzir numa língua diferente.

Quanto à linguagem dos *masquers*, não obstante todos os artifícios de múltiplos cambiantes retórico-estilísticos, caracterizou-se por ser mais simples de verter em português. Contudo, um pequeno pormenor, aparentemente sem importância, tornou a tarefa penosa e ingrata. Quando Jonson introduz a personagem *heroic virtue*, a sua mente classicizante está a fazê-la equivaler em absoluto à *virtu* latina que representa para ele a súpula perfeita das qualidades viris. Mas, na língua de Camões, a «Virtude», heróica ou não, é feminina o que naturalmente obrigou a uma complicada redefinição de parâmetros.

Também não foi sem uma certa dificuldade que se traduziu o extenso passo em que se descrevem as valorosas rainhas de antanho, pertencentes a povos cuja existência se perde na noite dos tempos. A pesquisa foi árdua e nem sempre se revelou profícua.

Apesar de todos estes óbices que foram resolvidos da maneira que se considerou mais correcta e adequada e de uma relutância inata e intrínseca em proceder a este tipo de trabalho, ele perfilou-se, uma vez terminado, portanto em retrospectiva, como um desafio gratificante. Embora defendendo que traduzir é sempre atraíçoar, espera-se que esta versão para português de *The Masque of Queens* faça justiça ao texto de Ben Jonson, o vate erudito isabelino-jacobita.

Breve Nota Prévia

Quando se iniciou a tradução deste *Masque*, o objectivo consistia em dar a conhecer um subgénero dramático diferente, escrito por um autor culto e que fez escola no seu tempo – Ben Jonson – mas cujos textos nunca foram devidamente valorizados devido à importância conferida à obra de Shakespeare seu contemporâneo.

Embora o conhecimento da peça no original inglês fosse bastante profundo, encontraram-se dificuldades inesperadas, quando se tentou vertê-la para a língua portuguesa. De facto, o modo de se exprimir de Ben Jonson é complexo e o texto apresenta vários registos de verso e prosa que dificultam uma transposição fiel entre dois idiomas que possuem parâmetros de pensamento tão diversos e estruturas gramaticais que, em pouco ou nada, se aproximam. Acresce ainda, que o dramaturgo, com o seu pendor classicizante, faz citações, em latim e grego, como notas explicativas, à margem do seu próprio texto. Estas, mesmo em edições destinadas a estudantes, só se encontram parcialmente traduzidas para inglês. Por isso, se optou por fazer tábua rasa destes escritos adicionais e propor um texto escoreito, decidindo, igualmente, que o vocábulo *Masque* passaria, na língua portuguesa, a «Auto», ainda que não se observem semelhanças óbvias, ou outras, entre esta peça e as de Gil Vicente sob a mesma designação.

A Tradutora

As Rainhas (Auto Real Mascarado)
tendo o palco como cenário a Mansão da Fama
e representado pela mui preclara e magnífica em hierarquia e títulos
Ana – Monarca da Grã-Bretanha & c.
juntamente com as digníssimas Damas da sua corte, em Whitehall,
em 2 de Fevereiro de 1609

Esta é a terceira vez que Sua Majestade me encarrega de escrever as peças onde ela própria desempenha um papel, secundada pelas damas a quem concede essa honra. Por isso, a minha preocupação primeira e mais importante consistiu em providenciar que a nobreza do trabalho fosse proporcional à dignidade das pessoas que nele tomariam parte. Assim, escolhi como argumento Uma Exaltação da Fama Veneranda e Verdadeira, Nascida da Virtude. Observei no texto a regra do mais insigne dos Poetas, isto é, cuidar que um instrumento de prazer tenha um substrato de didaticismo e exemplo.

E, porque Sua Majestade (consciente de que o interesse e o encanto maiores destes espectáculos residem na sua variedade) me tinha incumbido de elaborar uma qualquer dança ou representação que precedesse a sua entrada e servisse de contraste, funcionando como uma pseudo farsa mascarada, pus todo o meu empenho em obedecer-lhe, não só seguindo o exemplo de outros mas também o meu, uma vez que, no ano passado, já me tinha socorrido de uma farsa, representada por rapazes, do mesmo teor. Deste modo, imaginei que doze mulheres vestidas com trajes de fúrias, ou bruxas, personificariam a Ignorância, a Desconfiança, a Credulidade, etc. que são os opostos da boa fama. O desempenho do grupo não constitui uma farsa mascarada, mas sim um espectáculo estranho que se desenrola com uma enorme multiplicidade de gestos desordenados, inerentes ao género e carácter geral do artefacto.

Estando, pois, Sua Majestade instalada e toda a audiência na expectativa descobre-se um inferno horripilante cujas labaredas, situadas na parte inferior, emitiam fumo que chegava ao tecto. E, como é voz corrente, que todos os poderes maléficos têm (moralmente) a sua origem no Inferno e, citando o

comentário de Torrentius sobre a bruxa Canídia, de um texto de Horácio, que explicita que ela era tão versada em venenos que parecia ter saído directa das profundezas das regiões infernais, também estas feiticeiras nascem nesse mesmo local aparecendo em cena ao som de uma música cava e diabólica. Primeiro uma, depois duas e, finalmente três e, assim por diante, até que o seu número chega a onze. Todas se apresentam trajadas de modos diferentes. Algumas trazem ratos nos cabelos, algumas nos ombros. Outras têm boiões de unguentos pendurados à cintura. Mas todas empunham fusos, pandeiretas, rocas ou outros instrumentos mágicos que produzem um ruído cacafónico pontuado por movimentos desconexos. Os seus atavios foram imaginados pelo Senhor Jones, assim como toda a maquinaria e o cenário. Limitei-me a sugerir os símbolos, ou seja, as víboras, as cobras, os ossos, as ervas ou plantas, as raízes e outros atributos emblemáticos da sua feitiçaria, baseando-me nos ensinamentos de escritores antigos e hodiernos. Se houver erros, a responsabilidade é minha e, por isso, de antemão, confesso a minha culpa.

Estas onze bruxas começam a dançar (como é hábito nos seus encontros, ou reuniões, onde, por vezes, aparecem com viseiras ou máscaras) até que, de repente, uma delas se apercebe de que a bruxa mais importante não está presente e faz parar as outras com as seguintes palavras:

Parai, irmãs, está ausente a nossa Senhora
Evoquemo-la, sem demora,
Com as palavras mágicas habituais,
Para que use o unguento e não tarde mais.

1º Feitiço

Senhora, Senhora, o relógio marca a hora,
Estamos todas juntas aqui e agora.
Os lagos e os pântanos abandonamos,
Os penhascos e as cavernas desamparamos,
Os bosques e as grutas desprezamos,
Os cemitérios e os túmulos abjuramos,
As masmorras e as forcas enjeitamos
E aqui e agora juntas estamos.
O quê? Não aparece? Será que levou sumiço?
Tentemos uma vez mais. Façamos outro feitiço.

2º Feitiço

O tempo está de feição e o vento não desdoura
Montai, Senhora, na vossa vassoura,
Ou, então, com o vestido cinzento arregaçado
Selai o bode ou o vosso galo de verde emplumado.
Usai, como rédeas, o fio de uma meada
Para poderdes medir as léguas da cavalgada.
Depressa, Senhora, vinde sem tardança,
Para recomeçarmos com a nossa dança.
Nem assim? Mas que revés!
Vamos tentar outra vez.

3º Feitiço

A coruja deixou a brenha, o morcego a penha, a arrã a roca
E o gato bravo a toca;
A formiga e a toupeira partilham a mesma loca
E o sapo espreita da água da fonte da pedra oca.
Os cães não param de uivar e os pandeiros de tocar
E o fuso começou, agora, o eterno rodopiar.
No imenso braseiro do céu, a lua rubra de sangue
Faz das estrelas corpo exangue.
O fosso cavado está, foram nossas unhas a pá
Enchemo-lo, logo, com afã, com bonecos de cera e lã,
Suas entranhas perfuradas com agulhas aceradas;
Só que sangue não havia para concluir a bruxaria.
Depressa, Senhora, alegrai-nos com a vossa chegada,
Cravai as esporas na vossa montada.
Para que o bode-diabo voe com rapidez redobrada,
Um verme na boca e um espinho na cauda,
Fogo no ar e fogo no chão,
E, vós, a aguilhoá-lo de chicote na mão.
Finalmente! Dignou-se aparecer!
E a nossa obrigação é emudecer.

Proferidas que foram estas palavras, a Senhora entrou desarmada, descalça, o vestido arregaçado e o cabelo em desalinho no qual se enroscavam víboras. Na mão trazia o braço de um homem morto com uma serpente enrolada. Era um archote a arder. Todas as bruxas se apressaram a cumprimentá-la, com o devido respeito, e ela falou explicando, por meio de perguntas, o objectivo da vinda de todas elas, facto que se tivesse acontecido antes não pareceria tão natural. Porque se elas se tivessem revelado a si próprias e, se cada uma tivesse dito quando entrou o que ou quem era e o que tencionava fazer, o seu diálogo resultaria patético e sem a qualidade que deve caracterizar um poema digno desse nome. De facto, um escritor nunca se devia permitir esquecer a aptidão inata dos espectadores deste tipo de espectáculo, pois eles possuem olhos perspicazes e ouvidos argutos. Nada têm em comum com um público de porteiros e aprendizes cujos olhos e ouvidos, esses sim, devem ser mimoseados com narrativas longas em todos os actos até ao tédio mais absoluto.

Senhora, Bruxas

Bom trabalho, minhas bruxas. Será que a raiva dos nossos corações
Nos impele a obscurecer o brilho desta noite de ilusões?
Por isso, estamos todas aqui reunidas? Bru: Sim e decididas.
Sra: Será que o nosso número está certo? Que não falta nenhuma?
Bru: Verificai, Senhora. Chamai-nos uma à uma
Sra: Que se apresente em primeira instância
A minha serva indolente, a estúpida Ignorância,
Envergando um traje de escamas e trazendo por companhia
A sua temível irmã, a Desconfiança bravia,
Sempre de olhos bem abertos quer de noite quer de dia,
Que com a Credulidade irreflectida dá as mãos em parceria.
Mesmo só com um ouvido, fica atenta ao que a rodeia,
A Falsidade de duas caras segue-a, de perto, na cadeia.
Vem no seu rasto o Boato com a face mal encarada,
Acompanhado da Malícia com a língua bifurcada.
Segue-se-lhes a Maledicência Insolente, sem vergonha e sem pudor,
Que traz consigo a Calúnia para exhibir, com fervor,
O seu olhar de soslaio; a seu lado, pronta a falar,

Encontra-se a Malquerença que só sabe difamar,
Atraídas pelo Azedume de cujos poros doce fel ressuma
Estão a Ira, de olhos coruscantes, a Fúria, a Folia. Bru: Todas uma a uma.
Sra.: Juntemos os nossos corações, nós que somos fiéis opositoras
Da Fama e da Glória. Não permitamos que estas noites arrebatadoras
Resplandeçam de Virtude e violentem as nossas convicções.
Mostremos a nossa inveja e demos largas a que as nossas paixões
Usuais se desencadeiem. Que as nossas acções mostrem sem cessar
Dos nossos nomes e naturezas a essência. Ou a Virtude irá acreditar
Que fraquejam os nossos poderes e do mundo nos tentará expulsar,
Como o fez do Paraíso. E a sua origem primeira tenderá a renovar
Reassumindo a Justiça e a Fé. E, ousada, aproveitando a oportunidade
Da nossa indolência, imporá uma nova Idade de Ouro com impunidade.

Não podemos permitir que as nossas características mais genuínas
Se corrompam pelo ócio. O Mal habita em nós das formas mais finas.
Abomino ver os frutos desta paz morna
E amaldiçoo a santidade que, assim, a torna.
Vamos, pois, perturbá-la e a luz aniquilar
Misturando o céu e o inferno e pondo a natureza a lutar
Contra si própria. Vamos todos os elos da cadeia natural quebrar
Obrigando os términos às origens regressar.

Bru: O que a nossa Senhora nos ordena que façamos
Nós fá-lo-emos. Sra.: Todas juntas engendrá-lo vamos.
Mas, primeiro, digam-me, o que granjearam
Onde estiveram e o que convosco acarretaram.

Bruxas

1

Todo o dia passei-o escrupulosamente a observar
Um corvo que de carne de justiça se estava a alimentar.
Tirando partido de uma sua pequena distração,
Arranquei-lhe o petisco do bico, sem compaixão.

2

Quanto a mim, estive pelos de lobo a armazenar,
Baba de cão raivoso e orelhas de áspide a acumular,
O líquido espesso dos olhos de um morto a recolher,
E consegui tudo isto fazer, logo após a estrela da tarde desaparecer.

3

Na noite passada estive deitada só e sem ruído
No chão, para da Mandrágora ouvir o gemido.
Forcei-a, a raiz das profundezas do solo se despegou
E, quando tinha terminado, o galo cantou.

4

E, eu, o meu tempo ocupei este crânio a escolher
Nas criptas que estavam cheias de ossos, até mais não poder,
Que a túmulos particulares e valas comuns se foram buscar,
E a um coveiro um valente susto resolvi pregar.

5

Debaixo de um berço me fui a esconder,
Em pleno dia. E, depois, esperei a criança adormecer.
Durante a noite, o ar lhe suguei, após o que me levantei,
E o nariz da ama que cabeceava, belisquei.

6

Com um punhal na mão, qual foi a loucura?
Matei uma criança para lhe extrair a gordura.
Gerada por um tocador de flauta numa noite de bebedeira,
Mandei que uma vez mais procedesse da mesma maneira.

7

Havia além um assassino que fora enforcado,
O sol e o vento tinham as suas veias secado.
Um tendão arranquei com os dentes e o cabelo cortei,
O vento fazia mover os andrajos que retirei.

8

Ovos de coruja das torres e penas negras andei a recolher,
Sangue de sapo e osso do seu dorso consegui obter,
E da sua pele pintalgada, uma vez esfolado,
Um pequeno saco fiz para o meu agente satânico ficar preservado.

9

Quanto a mim, tenho andado plantas a ajuntar
Cicuta, meimendro, língua de serpente para começar.
Beladona, erva da lua e dorónico para continuar
E, duas vezes, os podengos estiveram prestes a me abocanhar.

10

Estes ossos às mandíbulas arranquei
De uma cadela de jardineiro, e, na fuga, o fosso saltei.
Pouco depois à mesma casa regresssei
E, aqui estão os miolos do gato preto que matei.

11

O sapo que choca os ovos na toca do muro procurei,
Do seu escuro refúgio com um feitiço poderoso o tirei.
Pouco antes, com as unhas, os olhos da coruja tinha arrancado
E também uma asa de morcego, que mais poderia ter realizado?

12

Tudo bem. E eu trouxe para os nossos objectivos estimular,
Papoula gláucia e ramos de cipreste que vão ajudar,
Fruto de figueira bravia que nas campas medra
E a resina que o pinheiro bravo segrega,
Sangue de basilisco e pele de serpente
E, agora, vamos com os nossos ritos para a frente.

Neste momento, a Senhora postou-se no meio delas e começou a fazer uma invocação. No decurso desta, aproveita a oportunidade para se vangloriar de todos os poderes atribuídos às bruxas pelos Antigos de que a

grande maioria dos poetas se fez eco. Homero refere-os em relação a Circe na *Odisseia*. Teócrito menciona-os quando descreve Simata no *Idílio II, A Feiticeira*. Virgílio segue-lhe as pisadas ao referir-se a Alpheisiboeus na sua *Écloga nº 8*. Ovídio faz o mesmo em relação a Dipsa nos *Amores* e algo de semelhante acontece com Medeia e Circe nas *Metamorfoses*. Tibulo não os esquece por referência a Saga. Horácio lembra-os quando menciona Canídia, Sagana, Veia e Folia. Séneca tem-nos presentes tanto quando se refere a Medeia, como à Ama em *Hércules* ou a Oeta. Petronius Arbiter recorda-os em relação à sua Saga no fragmento conhecido como *Satyricon* e Cláudio não os esquece por referência à sua Megera no primeiro livro do seu poema *Acerca de Rufino*, que desempenha o papel de uma bruxa como estas o fazem e fornece a parte histórica no poema, para além de se constituir como vector Moral encarnado numa Fúria. A mesma coisa vamos fazer em relação à nossa Senhora.

Senhora

Ó vós, Demónios e Fúrias (se entre vós ainda houver
Alguém pior que nós), Vós que tremestes ao ver
Os nós desatados e ressequidos, quando feitiços fizemos,
Vós que vos despojastes dos poderes que nós absorvemos,
E nas nossas mãos, os vossos chicotes e ferretes entregastes,
Quando a sermos flagelo da terra e dos homens vos resignastes,
Vós que me vistes o voo arriscar, quando Hécate
Não se atrevia o seu coche pisar, e o mar encapelado
Parecia o céu fustigar, sem a mínima aragem soprar,
E a trovoada sobre a terra a troar e nem Júpiter a sabia explicar,
Quando o curso dos elementos invertemos
O sol à meia noite e as estrelas de dia pusemos,
Quando o raio veloz no seu trajecto se imobilizou com fragor,
E os rios mais rápidos correram para a nascente, no temor
De ver os campos de milho em local diferente, as matas deslocadas,
Regiões completas alteradas e as estações do ano transtornadas,
Vós que assististes quando a pálida lua ao primeiro bruxedo caiu
Envenenada e frente ao segundo renegou o desafio,
Oh vós, que frequentemente vos apercebestes destes feitos de magia

E, também vós, criatura selénica e fulgente com tríplice teofania
Que, nestas noites, sois toda poderosa e, perante cujo nome trino,
Nos inclinamos: uma, duas, três vezes em obediência ao nosso destino
Se, neste momento, com rituais sacrílegos, malévolos e misteriosos
Vos invocamos, envolvi este aposento em mantos tenebrosos
De nevoeiro opaco. Fazei exalar da terra os miasmas mais pútridos,
E extingui a claridade ofuscante dos archotes rútilos.
Vamos entoar, em uníssono, um encantamento sussurrado,
Enquanto no solo enterramos a poção do feitiço preparado.
Mas, primeiro, certifiquemo-nos de que nossos pés nus estão
E os nossos joelhos. Bruxas: Senhora, eis aqui a confirmação.

4º Feitiço

Fundo, bem fundo, na terra te deitamos a dormir,
Deixamos-te perto uma bebida, se te sentires ressequir,
O leite e o sangue, o orvalho e a ribeira.
Sopramos sobre o teu leito tanto aos pés como à cabeceira,
Tapamos-te, bem quente, para não ficares doente.
E quando ocorrer o teu despertar,
A Mãe Terra farás oscilar
E as casas começarão a abanar
E o ventre da terra a sofrer,
E as suas costas a fender,
Para um parto temível realizar,
E o dragão azul à luz dar
Cuja forma irás adoptar.

Senhora

Ainda não jorrou uma centelha do chão?
Onde estão as cinzas? Bruxas: No caldeirão.
Senhora: Lançai-as ao ar, e a pedra do fogo
Sobre o ombro esquerdo, para ocidente.
Bruxas: Assim faremos, será conveniente.

5º Feitiço

Os ramos formam uma cruz, o que ao êxito conduz.
A salva apodreceu e o enxofre ascendeu
Bem ao alto do céu, ele que, humilhado jazia no chão.
Com as nossas matracas coadjuvemo-lo então.
Debaixo das silvas, por cima das sarças a rodopiar
Porque um pouco mais de calor o irá incendiar.
Tenhamos a intenção de, com finura, o fazer
Para que o vento sopra e a água possa correr.
Ribomba, em cima, o trovão, estrondeia, em baixo, o trovão,
Cintila, forte, o relâmpago, ruge o estrépito do clarão.
Uma torrente de chuva, de granizo um aguaceiro
E temos de regressar numa casca de noz feita veleiro.
Como mastro, uma espínula desmesurada,
Como cordame, os fios duma teia entrelaçada
Por uma aranha, e uma vela da mesma trama delicada
E, se chegarmos ao nosso destino sem falhar nada ...

Senhora

Suspendei, os nossos feitiços são causa gorada
Esta noite. O nosso trabalho está destruído.
O demónio que evocamos permanece adormecido
E a tempestade também. Temos de redobrar
As nossa palavras violentas e açoitar
O solo com víboras até ele suar.

6º Feitiço

Cães ladrai e lobos uivai,
Mares rugi e bosques vibrai,
Nuvens explodi e trevas expandi,
Mas os nossos feitiços cumpri.

Senhora

Ainda nada? A minha raiva começa a aumentar.
Escuridão, Demónios, Noite e Inferno volto a invocar,
Para que o meu feitiço se possa concretizar.
Mais uma vez e ainda uma outra vos vou convocar,
Se à terceira não me obedecerdes, voltar-vos-ei a chicotear
E farei desaparecer a luz para a dormir vos apanhar;
E todos os segredos do vosso labor
Aos olhos do vulgo eu irei expor
Tal como os sei. Continuais atacados de surdez?
Dêem-me um ramo que nunca folha fez
Para o ar zurzir e aconiteira venenosa
Para lançar sobre esta luz gloriosa,
Uma faca enferrujada para o meu braço ferir,
E vou pronunciar um feitiço enquanto o sangue cair.
Este bruxedo ao mais fundo do solo vai arrancar
O mirrado Caos; este conseguirá uma vez mais levantar
A nauseabunda cabeça de fedorento odor
Para ferir de morte o mundo e a natureza com furor,
Até que o parto mágico, por mim forjado, ocorra no terror.

7º Feitiço

Negro vai entrar e mais negro irá sair
E, se desaparecer, um viva vais ouvir:
Salve!
E quando ressurgires dois terás de atender
E se cumprires o que está no nosso querer
Três vivas e, depois, quatro irás escutar
Mais tarde dez e, ainda, mais dez para completar.
Salve, eia, eia, salve.

8º Feitiço

Uma nuvem de pez, uma vara e um aguilhão
Para o seu esforço estimular. A violência do furacão
Antes e depois a soprar. Com gargalhadas de trovão
As poderosas tempestades manifestar-se-ão,
Para que o jovem rebelde sinta satisfação,
Ele que tem cauda de serpente e cabeça de dragão.

9º Feitiço

Formemos a rodopiar, a rodopiar, a rodopiar
Um espesso nevoeiro para as luzes apagar.
Que as formas nunca possam vistas ou sentidas ser,
Nem a lã se possa queimar ou a cera derreter.
Os vossos filtros mágicos no chão espalhai
E lançai-os ao ar, rodopiai, rodopiai.

Rodopiai, rodopiai,
Rodopiai, rodopiai,
Até uma música soar
E um ritmo se encontrar
A cujo compasso possamos dançar
E os nossos feitiços realizar.

Iniciam, de imediato, acompanhadas por uma música estranha que soa subitamente, uma dança mágica com inúmeras marcações e gestos irreverentes, mas em concordância plena com as suas características, enquanto personagens. De facto, as bruxas, quando se juntam, fazem tudo ao contrário daquilo que é habitual nos seres humanos: dançam costas com costas, anca contra anca, de mãos dadas e giram para trás pelo lado esquerdo, executando com as cabeças e os corpos movimentos inimagináveis e complexos. Todos estes movimentos foram recriados, dum modo impecável, pelo inventor da dança, o Sr. Jerome Herne, que, por isso, tem todo o direito a ser aqui mencionado.

De repente, quando estavam no auge da dança, ouviram-se umas notas ensurdecedoras como se muitos instrumentos tivessem tocado uma única frase melódica em uníssono. Imediatamente, não só as bruxas mas também

a sua morada infernal em que se tinham refugiado desapareceram, como por encanto. E todo o cenário sofreu uma alteração tão profunda que todas as lembranças do anterior se desvaneceram. No seu lugar, apareceu um edifício magnífico e resplandecente que correspondia à Casa da Fama em cujo piso mais elevado se encontravam doze personagens envergando máscaras e sentadas, em triunfo, num trono, em forma de pirâmide profusamente iluminado. Daí desceu uma pessoa vestida com o traje de Perseu encarnando a virtude varonil e heróica e que começou a falar.

Virtude Heróica

Assim, ao timbre sonoro da Fama e à presença da Virtude gloriosa,
Toda a feitiçaria desprezível e invejosa fugir deveria da claridade
esplendorosa.

As asas de Hermes/Mercúrio não pedi emprestadas, nem exigi
A sua espada curva, nem com o elmo de Plutão me defendi,
Tão pouco o meu braço com o escudo da sábia Palas/Atena protegi,
(Com o qual, de rosto virado para o reflexo, em campo aberto me regi
E a Gorgona matei). E, porque tal feito não foi em vão, renome adquiri:
Quando a Virtude a cabeça ao Terror cortou, a Fama gerou.

E, se com o nascimento da Fama, o Terror morreu,
Que malfadadas Fúrias ou demónios negros de breu
Se atreveram estas bruxas a armar, agora que ela poderosa se tornou,
E, com os seus feitos gloriosos, o Mal derrotou?
Fui a sua progenitora e a sua força sou.

A Virtude Heróica não sossobra sob o peso da passagem
Dos anos ou dos séculos, mas mantém-se intocada na voragem,
Enquanto preserva a Boa Fama do mesmo modo que a encontrou.
É, pois, a minha filha, de quem vedes a mansão maravilhosa,
Toda de bronze sonante e onde cada coluna sumptuosa
Faz dos homens poetas, esses homens eminentes
Cuja luta consistia em escrever poemas excelentes
Que renome, numa outra vida, lhes irão conceder,
Em vez de, orgulhosos, desprezarem as Musas e, esquecidos, morrer –
Ela que, por todo o mundo, se afadiga a indagar
E que, no seu palácio abobadado, se dispõe a aceitar

Todos os rumores e boatos, verdadeiros ou enganosos
 Que nas terras mais remotas se escondem e nos mares mais misteriosos,
 (Mas, que só acções heróicas, na sua lista, se permite assinalar),
 Ela, a este pequeno mundo, mas à mais famosa das ilhas, vem anunciar,
 Nesta noite, os muitos predicados que conseguiu descobrir
 Neste insigne grupo de rainhas cujas virtudes é mister referir.
 Onze delas pertencem à plêiade de uma época recuada.
 Pentesileia, a Amazona, corajosa e dedicada,
 Camila, rainha dos Volscos, a célere corredora,
 Tomiris da Cita, a famosa conquistadora,
 A casta Artemísia de Cária, a altiva Senhora,
 E a loira Berenice do Egipto, excelsa na nobreza,
 Hipsicrata da Ásia, célebre pela grandeza,
 Candace de que a Etiópia se sente orgulhosa,
 Boadícia, da Bretanha, honra judiciosa,
 Zenóbia, de Palmira, a real virtuosa,
 Amalasueta, a goda, sábia e belicosa,
 E Valasca da Boémia, a sempre audaciosa.
 Estas, nas suas vidas aventurosas, justificaram a preferência
 Pelo sexo feminino, e contra todas as vozes em dissidência
 Que soaram no momento azado, tiveram, depois de mortas direito a
 usufruir
 Do renome eterno na Mansão da Boa Fama onde irão residir,
 Aí ouvindo, a todo o momento, (lá as palavras são atempadas),
 As virtudes da Bela Ana, com justiça exaltadas,
 Ela que é rainha dos oceanos; como nela se encontram concentradas
 Todas e cada uma das qualidades por que foram veneradas.
 E, havendo necessidade de uma efigie insigne e famosa
 Para ocupar o topo da pirâmide sedutora e graciosa
 Dentro da qual se encontravam, uma vez que esse é o lugar,
 por excelência,
 Desse palácio, e predestinado a enaltecer, por consequência,
 A soberana mais ilustre, aquelas senhoras sem dela inveja sentir
 Decidiram esta honra e esta glória, em vida, lhe conferir

Fama

Virtude, minha mãe e minha glória, Vós que quando me gerastes,
Generosa e benéfica, confessar ousastes
Que a tua Fama só admite perfeição, dignai-vos, esta noite, abençoar
Os feitos triunfantes que a Vossa donzela de asas brancas terá de operar.
A estas rainhas famosas, todos os rituais supremos vou oferecer.
A sua magnificência o exige. Uma noite muito especial as irá enaltecer.
Nas minhas carruagens, adornadas e coroadas, as vou passear
As minhas aves e outras criaturas bem ajaezadas as irão puxar,
Para as exaltar. À primeira carruagem é preciso atrelar
As águias de olhos penetrantes, para o olhar arguto da Fama
simbolizar.
À segunda, grifos que significam rapidez e força vamos sujeitar,
Duas qualidades que evocam para me caracterizar.
À última, os nossos leões significando as graças mais elevadas
vamos jungir.
Estes dotes são a magnificência e a majestade que só a realeza
deve possuir.
Quanto às bruxas, é mister fazê-las prisioneiras e obrigá-las a marchar
À frente dos carros, enquanto a minha trombeta me entretenho a tocar.

Quando a Fama terminou a sua fala, ouviu-se, de novo, uma música ensurdecidora para dar tempo às pessoas mascaradas de chegar ao palco. Por isso, vamos valer-nos desta oportunidade para proceder a uma descrição pormenorizada não só do cenário, como também das personagens representadas, embora estas estivessem dispostas mais, por acaso, do que por uma ordem específica. Contudo, é lícito afirmar que todas eram virtuosas o que poderá ser reiterado pela dama que estiver a ser retratada.

Seguindo, portanto, uma ordem cronológica que também utilizamos nos nossos versos a mais recuada no tempo é Pentésileia. Era rainha das Amazonas e sucedeu a Otrera ou, como alguns preferem, a Oritia. Foi contemporânea da guerra de Tróia e nela participou contra os gregos, onde, como é testemunhado por Junianus Justinus, deu grandes provas da sua força contra homens reconhecidos pelo seu valor. É sempre referida como honrada e virtuosa e é a primeira que nos ocorre quando aludimos às mulheres mais ilustres.

Diodorus da Sicília afirma que ela era filha de Marte. Morreu às mãos de Aquiles o que constituiu, para ela, uma honra e Propertius canta, deste modo, a sua beleza:

Depois do elmo dourado lhe ter a fronte desnudado,
Frente a sua beleza singular, o vencedor sentiu-se derrotado.

A seguir vem Camila, rainha dos Volscos, cantada por Virgílio no final do livro sétimo cujos versos requintados não poderiam conferir mais honrarias à pessoa que descrevem. Aqui os citamos sendo estes em que o Poeta menciona todos aqueles que acorreram em auxílio do príncipe italiano Turnus contra Eneias:

Juntamente com estes, chegou Camila, dos Volscos rainha,
Encabeçando os seus cavaleiros, de uma armadura reluzente de
bronze revestida,
Uma jovem guerreira. As suas mãos rejeitavam a roca e o fuso
E os cestos de lã. Era uma jovem treinada para escaramuças
Selvagens e para cavalgadas mais velozes que o vento.
Podia correr sobre os caules não cortados
De trigo ondulante sem sequer lhes tocar,
Ou caminhar célere sobre as vagas do oceano
Sem jamais as plantas dos seus ágeis pés molhar.

Descreve, depois, o seu traje e as armas que sabia servir-se suscitando a admiração dos espectadores. Se, por acaso, tudo isto foi apenas fruto da imaginação do poeta, o facto só demonstra que ele tinha uma alma maior do que a da personagem que criava.

A terceira viveu na época de Ciro, o grande monarca persa e venceu-o – Tomiris, rainha dos Citas ou Masságetas, uma heroína da maior fortaleza invencível e corajosa. Quando Ciro invadiu o seu território, fez o seu filho prisioneiro (mais devido a uma cilada do que pelo poder das armas, como ela alegou) e procedeu à sua execução. Sem se deixar abater por uma perda tão dolorosa, decidiu consolar-se satisfazendo o seu desejo de vingança. Assim, aproveitou a oportunidade, e teve a honra de vencer um inimigo muito forte, juntamente com o qual caíram duzentos mil soldados. Mas o feito mais notável da sua vitória consistiu em impedir que sobrevivesse um único guerreiro do exército de Ciro que servisse de mensageiro e propalasse a notícia do massacre. É recordada tanto por Heródoto como por Justinus

com estas palavras encomiásticas: «Que ela empreendeu a guerra contra o monarca mais poderoso dos Persas e que o despojou do seu exército e da sua vida para alcançar uma vingança justa pelo assassínio infame do seu filho.»

À quarta coube a honra de viver no tempo de Xerxes e fazer parte da sua grande expedição à Grécia – Artemísia, rainha de Cária – cuja virtude Heródoto recorda com muita admiração. Foi rainha sem marido, com um filho menor, governando não por necessidade, mas por verdadeira grandeza de espírito. Foi, pela mesma razão, que esteve presente nessa guerra e se comportou nela de um modo tão extraordinário que arrancou o seguinte comentário a Xerxes: «Os meus homens procederam como mulheres, mas as minhas mulheres como homens.» Também se notabilizou pela sua castidade e amor ao seu defunto marido, Mausolo, cujos ossos preservou sob a forma de cinzas, bebendo-as dentro de vinho, de modo a que o seu corpo se tornasse o seu túmulo. Contudo, erigiu em sua memória um monumento que merece figurar entre as sete maravilhas do mundo, o que não podia ser executado senão por uma mulher excepcional.

A quinta foi a loira filha de Ptolomeu Filadelfo e da mais velha das Arsínoe, que, casada com seu irmão Ptolomeu cognominado, o Evérgeta, se sagrou, posteriormente rainha do Egípto. O seu nome é mencionado com duas grafias: Beronice e Berenice. Esta senhora, por altura de uma expedição de seu marido à Assíria, logo após o casamento de ambos, prometeu a Vénus que se ele voltasse, são, salvo e vencedor, lhe ofereceria o seu cabelo. Esta promessa foi cumprida, pois a empresa coroou-se de êxito. Porém, o seu pai não se conformou com a oferta e começou a definhar. Por isso, Conon, um matemático, que, nesse tempo, fazia parte da casa de Ptolomeu e sabia como lisonjeá-lo, convenceu o rei de que o cabelo da filha tinha sido levado para o céu para se transformar em constelação e indicou-lhe as sete estrelas junto à cauda da constelação do Leão que, desde esse momento, passaram a ser conhecidas como o cabelo de Berenice. Em breve essa história era contada por Calímaco num poema muito belo que Catulo, subsequentemente, ainda tornou mais belo. Também, lhe chamaram, a magnânima, desde a sua juventude, aludindo, como diz Higino, ao salvamento do seu pai, quando ele se pôs em fuga, e restituiu a honra e a coragem ao seu exército até alcançarem a vitória. As palavras são as seguintes:

Conheci-te, desde a infância, uma heroína magnânima.

A sexta é a célebre mulher de Mitridates, rainha do Ponto, Hipsicrata que, como as outras foi um exemplo de virtudes. Amou tanto o seu marido que sempre o acompanhou, vestida de homem, em todos os afazeres e contingências da guerra. Por este motivo, como comenta Valério Máximo, ela renunciou a um dos adornos principais da sua beleza. «Pois, cortou o cabelo e treinou-se no duro para viver em cima de um cavalo e sempre armada para poder empenhar-se, a fundo, nos trabalhos e perigos que corria o seu marido.» E, depois, quando este foi obrigado a fugir de Pompeia, acompanhou-o na sua desgraça incansável de corpo e de espírito. Ficou imortalizada por esse autor austero como um paradigma de fidelidade e amor conjugais – virtudes que podem elevar uma pessoa de condição humilde ao estatuto de rainha e uma rainha à glória e honra de uma divindade.

A sétima é Candace, a famosa rainha da Etiópia, a cuja excelência aspiravam todas as que lhe sucederam dessa mesma nação. Era uma mulher cheia de força e coragem contra os inimigos e com um amor muito especial aos seus súbditos. Dionysus Halicarnassus menciona-a na sua obra, assim como Plínio, aquando da invasão do Egipto no reinado de Augusto. Candace, embora obrigada a aceitar um tratado de paz por Petrónio, tenente de Augusto, conquistou o direito a ser referida aqui, uma vez que existem muitos textos encomiásticos que cantam a sua fama: «Uma mulher de espírito elevado, tão dedicada ao seu povo que todas as rainhas da Etiópia desejavam possuir o seu renome.» Governou em Méroe.

A oitava e a nossa glória é Voadicia ou Boodicia, alguns chamam-lhe Bunduica e Bunducza, rainha dos Icení. Este povo ocupava a parte da ilha referenciada como East Anglia e que englobava as regiões de Suffolk, Norfolk, Cambridge e Huntington. Uma vez que nasceu aqui no nosso país, vamos primeiro honrá-la com um testemunho pátrio escrito pelo sóbrio e hábil Spenser:

Bunduca da Bretanha

Bunduca, a conquistadora vitoriosa,
Que seu pensamento corajoso e heróico sublimou
Acima da fraqueza mulheril, contra os romanos lutou,
Lutou e venceu-os em campo aberto, por três vezes, etc.

Para um melhor conhecimento desta mulher, leiam-se os seus discursos como são referenciados em forma de narrativa por Tácito e Dio Cassius onde se pode perceber toda a fortaleza do seu espírito inflamado pela ideia de restituir a liberdade ao seu país. Dio ainda comenta a seu respeito: «Bundica, uma mulher bretã de sangue real, que não só reinou sobre os bretões com uma dignidade extrema, como foi uma administradora exímia do seu reino. A sua mente era mais masculina do que feminina.» E acrescenta: «Era uma mulher de aspecto impressionante, e expressão austera, etc.» Todos estes elogios, provenientes dos romanos, seus inimigos, só abonam a seu favor. Viveu no tempo de Nero.

A nona a ser mencionada, mas sem desprestígio, pois equipara-se às anteriores pela mesma razão – a virtude –, foi a casta Zenóbia, rainha dos palmiras que, depois da morte do marido, Odenato, pertenceu ao grupo de trinta que usurpou o Império Romano das mãos de Galiano. Empenhou-se numa guerra longa e sangrenta contra vários chefes e, por fim, derrotada por Aureliano. Mas, «de tal maneira que o povo romano não conseguiu reconhecer o triunfo». A sua castidade era tão profunda «que nunca ‘conheceu’ o marido, senão com o objectivo de procriar.» Viveu como uma verdadeira soberana e foi adorada, segundo o costume dos persas. Quando se dirigia aos soldados, fazia-o sempre com o elmo na cabeça. Foi uma mulher com uma alma inspirada e de uma beleza estonteante. Na obra de Trebellius Pollio pode ler-se a descrição mais maravilhosa de uma rainha a que a pena de um digno historiador consegue dar voz.

A décima foi a culta e corajosa Amalásunta rainha dos Ostrogodos, filha de Teodorico que obteve, pela força das armas, o principado de Ravena e quase toda a Itália. Expulsou os borgonheses e alemães da Ligúria e posicionou-se no seu governo mais como uma figura principal do que como uma figura secundária. Foi a mais eloquente da sua época, com uma apetência especial para a língua de toda e qualquer nação que tivesse contactos com o Império Romano. Diz-se a seu respeito que «nenhum homem a podia ver sem sentir veneração e que ouvi-la falar era como um milagre. E, tão grande era a sua sagesa como juiz, que mesmo o criminoso mais empedernido, na agonia do seu castigo, jamais pronunciou uma palavra amarga contra ela.»

A décima primeira é a corajosa Valasca, rainha da Boémia que se distinguiu tanto pela sua bravura, que lhe puseram o cognome de a Audaz. Para se libertar a si própria e às outras mulheres da tirania dos homens, durante

o reinado de Primislaus, combinou com elas, instituindo-se sua chefe, que, em certa e determinada noite, procederiam à execução dos seus cruéis maridos e senhores. Após este acontecimento que se coroou de êxito, apoderaram-se dos seus cavalos, armas, riquezas e lugares estratégicos e não só assumiram o poder, mas viveram muitos e bons anos com a liberdade e fortaleza das amazonas. Foi celebrada por Raphael Volterranus e também, em latim, num elegante passo da obra de um italiano que dá pelo nome de Philatethes Cidadão de Polytopiensis.

A décima segunda e a maior soberana de todas é Bel-Anna, rainha dos oceanos. E à dignidade da sua pessoa se refere todo o conjunto deste produto da imaginação. Se repetisse, outra vez os encómios que já lhe dirigi, poderia parecer ofensivo para com a majestade sagrada que ouve os testemunhos acerca das qualidades excepcionais das outras rainhas com mais prazer do que os elogios que lhe são dirigidos. Porém, ela está acima da necessidade de uma tal reiteração e, a salvo na sua virtude real, perante o que qualquer testemunha pudesse sugerir de bom ou de mau a seu respeito. O nome Bel-Anna inventei-o para a honrar devidamente: o seu próprio nome juntando-lhe o atributo «belo». E é e será usado por mim em todos os poemas em que mencione, de longe ou de perto, a sua majestade. Alguns podem parecer bafejados com um destino melhor do que esta época, às vezes, consente, o que só poderá ser atribuído à sua benevolência.

Porém, de súbito, apercebo-me de uma objecção possível contra mim que vou formular: como é que posso, com propriedade, juntar pessoas de épocas tão díspares? Ou, porque é que, à semelhança do que acontece na *Eneida* de Virgílio com a personagem Mezentius, misturo os mortos com os vivos? Respondo a ambas as perguntas de uma só vez. Nada é mais adequado e nada é mais natural. Porque todas elas vivem e estão juntas, na medida em que todas adquiriram fama. Por isso, as menciono. Além do mais, se me eximisse ao poder ousado da poesia, onde deveria refugiar-me ou em cujos poemas me seria permitido fazê-lo?

Agora, só falta proceder à descrição que prometemos do cenário que constituía a Mansão da Fama. A sua estrutura e pormenores, como já disse antes, é da total responsabilidade do Sr. Inigo Jones. Em primeiro lugar, ele escolheu como colunas inferiores as estátuas dos poetas mais importantes como Homero, Virgílio, Lucano, etc. atribuindo-lhes a função de alicerces substanciais da Fama. Para as colunas superiores escolheu Aquiles, Eneias,

César e todos os grandes heróis que estes poetas exímios celebraram. Tudo isto gizado como se fosse ouro puro. Entre os pilares, por baixo, onde se representavam as guerras, as batalhas marítimas, os triunfos, os amores, os sacrifícios e todos os símbolos magníficos da honra, a estrutura era de bronze com incrustações de prata; seguiu, neste ponto, a excelente descrição de Chaucer dum local semelhante. No topo, posicionavam-se as mascaradas por cima de cujas cabeças colocou, formando um arco, as duas efígies eminentes da Honra e da Virtude. Os ornatos, tanto os superiores como os inferiores, estavam profusamente iluminados com luzes de várias cores simulando esmeraldas, rubis, safiras, brilhantes, etc. O seu esplendor, assim como o de outras luzes colocadas de modo a incidir nos trajes das mascaradas constituíam um quadro magnífico. Os fatos das rainhas tinham sido executados com riqueza e requinte e diferiam uns dos outros, segundo a imaginação do seu criador e de acordo com os usos e costumes das nações de que eram soberanas. Mas, Inigo Jones não se ocupou apenas destes pormenores. Também é responsável por outras invenções que contribuem para a singularidade e beleza do espectáculo, tais como o inferno, o movimento das carruagens, o modo de acorrentar as bruxas a máquina rotativa onde se apresenta a Fama. Tudo isto se lhe concede, de direito, uma vez que constitui um sinal de bom carácter que o respeito que se deseja granjear de outros lhes seja retribuído com lisura e de livre vontade.

Nesta altura, imaginem que as mascaradas já desceram até ao palco inferior e já se instalaram nas três carruagens triunfantes que estão prontas para avançar. As primeiras quatro rainhas encontram-se num coche puxado por águias, tendo eu justificado este facto através do discurso da Fama, com quatro archoteiros postados dos dois lados da carruagem e quatro das bruxas acorrentadas à frente. Segue-se-lhe o segundo coche puxado por grifos com os seus archoteiros e quatro outras bruxas. Por fim, o último atrelado a leões e o mais importante, pois nele se encontra Sua Majestade, com seis archoteiros e igual número de bruxas. Atrás de tudo vinha um grupo de músicos e cantores que entoavam esta ária enquanto as carruagens se moviam, com toda a pompa, no meio do palco:

Ária

Que todas as vozes se unam para estes prodígios celebrar,
A voz da Fama tão poderosa como a do trovão, deveria soar.
A sua mansão é de eco edificada
E nela nunca os sons fenecem.
E, assim, como a sua frente pelas nuvens é tocada,
Os seus pés no solo permanecem.
Cantemos, então, a Boa Fama da Virtude bem-nascida,
Pois, quando a Fama se descure, a Virtude é escarnecida.

Quando a ária terminou, as mascaradas desceram das carruagens e executaram a primeira dança. Uma segunda seguiu-se-lhe imediatamente. Ambas muito invulgares, cheias de marcações subtis e magníficas, executadas com toda a graça e força das personagens que encarnavam. A primeira foi dançada ao som dos cornetins e a segunda dos violinos. Após esta dança, as mascaradas foram convidar os senhores para se juntarem a elas e dançaram a compasso, quase durante uma hora, sempre variando a marcação. Para lhes dar descanso, o Sr. John Allen, um fiel e leal servo de Sua Majestade, entoou, acompanhado pelos músicos que flanqueavam os coches, a seguinte ária na sua voz excepcional de tenor irrepreensível:

Ária

Todos os períodos da história do mundo poderoso
Foram coroados neste nascimento portentoso.
E quando eles do seu tesouro se vangloriaram
De rainhas egrégias, outras não divisaram.
Como é feliz uma época, como a nossa, que se pode orgulhar
De ter uma rainha em que todas elas se podem encontrar.

Depois desta ária, entregaram-se a uma terceira dança com uma marcação ainda mais complicada do que a das anteriores. Dispuseram-se, graficamente, para desenhar letras que formassem, glorificando, o nome do mais doce e inocente príncipe, Carlos, Duque de York. Assim, para além de uma clareza básica, os movimentos desta dança eram tão perfeitos e adequados e a expressão tão conforme, que, se os matemáticos tivessem perdido a noção de

igualdade entre duas ou mais razões, podiam reencontrá-la ali. O autor foi o sr. Thomas Giles. Seguiram-se galiardos e corantos. E, por fim, uma última dança tão elegante como as precedentes. Uma vez esta terminada, subiram, de novo, para os seus coches e passearam-se, em triunfo, pelo palco, regressando à Mansão da Fama, enquanto se ouvia uma última ária cuja melodia, como, aliás, a da anterior, se deve ao trabalho e engenho do meu bom amigo Alfonso Ferrabosco:

Ária

Quem, ó Virtude, pode olvidar o teu poder
Quando estas rainhas, vivas e triunfantes se podem ver?
Dos Assírios, a pompa, dos Persas, o orgulho,
Dos Gregos a glória e dos Romanos o esbulho.
E quem os seus dons se atrever a imitar
Do mesmo destino irá partilhar.
Quando a grandeza, de todas as formas possíveis é violentada,
Em breve toda a hipótese de acção fica arruinada.
Mas quando se abraça a Boa Fama nada disto acontece,
Os seus triunfos e as suas causas permanecem, nada falece.

Para concluir: não conheço epílogo mais digno do que a exaltação daquelas que representaram nesta peça:

Sua Majestade, a Rainha	A Condessa de Montgomery
A Condessa de Arundel	A Baronesa Cranborne
A Condessa de Derby	A Baronesa Ellen Guilford
A Condessa de Huntingdon	A Baronesa Anne Winter
A Condessa de Bedford	A Baronesa Windsor
A Condessa de Essex	A Baronesa Anne Clifford

Fim (1609)

Bibliografia

- Adams, Robert M., ed. 1979: *Ben Jonson's Plays and Masques*. A Norton Critical Edition. New York, London: W.W.Norton & Company.
- Herford, C. H., Simpson, Percy and Evelyn, eds. 1970: *Ben Jonson* vol. VII. Oxford: Clarendon P.
- Lindley, David, ed. 1984: *The Court Masque*. Manchester: Manchester University Press.
- Meagher, J. C. 1966: *Method and Meaning in Jonson's Masques*. Notre Dame and London: University of Notre Dame Press.
- Mickel, Lesley 1999: *Ben Jonson's Antimasques: A History of growth and decline*. England, USA: Ashgate.
- Orgel, S. 1965: *The Jonsonian Masque*. New Haven: Yale University Press.
- Welsford, E. 1927: *The Court Masque*. Cambridge: Cambridge University Press.

Esta edição de
Auto Real Mascarado
foi impressa na TEXTYPE - Artes Gráficas
sobre papel Sarvol 2 branco de 80 gramas no miolo
e Svecia Antigo branco de 280 gramas na capa
com uma tiragem de quinhentos exemplares.
Acabou de imprimir-se em Julho de 2006

